

Velhices e sexualidades na cidade¹ Conversas em torno de sessões de cinema

Ricardo Zagallo CAMARGO ²
Maria Augusta Araújo DAMIATI ³
Rodrigo SCHERRER ⁴

Escola Superior de Propaganda e Marketing, ESPM
SESC-SP

Resumo

Artigo que apresenta achados preliminares de estudo iniciado na mostra de cinema Eu quero, tu queres.... Afetos, velhices e desejos, realizada no Cinesesc, na cidade de São Paulo, entre os dias 11 e 18 de maio de 2016. Durante a mostra, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo, que buscou levantar entre frequentadores as representações a respeito da sociabilidade na velhice. Aqui serão tratadas somente entrevistas colhidas junto a idosos, com o objetivo de entender sua relação com a cidade e as formas como se veem representados no espaço urbano. São levantados aspectos ligados à caracterização do cinema como espaço de convívio urbano e achados preliminares ligados à presença das velhices e sexualidade na sociedade, em especial no espaço urbano, assim como com à dificuldade de conviver na cidade, aliada à necessidade de fazê-lo para viabilizar um envelhecimento mais prazeroso.

Palavras-chave: envelhecimento; urbanidade; sociabilidade; cinema; sexualidade

Introdução: porque velhices e sexualidades

Este artigo apresenta resultados preliminares da primeira etapa de pesquisa realizada, tendo como pretexto e oportunidade a mostra de cinema “Eu quero, tu queres.... Afetos, velhices e desejos”, realizada no Cinesesc entre 11 e 18 de maio de 2016. Iniciativa que, como explicava o livreto distribuído ao público em seu texto introdutório, pressupõe que para observar as manifestações da sexualidade, em todas as idades, cabe um olhar que leve em conta os valores e construções socioculturais de cada época. Um olhar social e histórico com o qual estamos coadunados, acrescido da vontade, também revelada pela mostra, desta vez pelo conjunto de filmes do evento que retratavam múltiplas formas de afeto e desejo, de contribuir para vivências e reflexões acerca da sexualidade na velhice, em busca da quebra de paradigmas, preconceitos e estereótipos.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP (2009) e Diretor do Centro de Altos Estudos da ESPM. E-mail: zagallo@espm.br.

³ Assistente da gerência na GEPROS - Gerência de Estudos e Programas Sociais do SESC-SP, que inclui a linha de estudos e programas ligados ao envelhecimento. E-mail: guta@sescsp.org.br.

⁴ Doutorando em Comunicação e Práticas de Consumo na ESPM. E-mail: rodrigoscarrer@gmail.com.

Vale destacar, contudo, que a questão do envelhecimento da população ocupa há algum tempo a pauta de diversas instituições e instâncias sociais, mormente por se tratar de tema com efeitos mais ou menos universais, embora com tons mais sombrios nos países em desenvolvimento, onde o Brasil se inclui. Um exemplo da universalização do tema foi a Primeira Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, ocorrida em 1982 e a proposição do Plano de Ação Internacional de Viena sobre o Envelhecimento. Em abril de 2002, ocorre a Segunda Assembleia Mundial Sobre o Envelhecimento na cidade de Madrid, quando foi aprovado o Plano Internacional de Ação sobre o Envelhecimento (PIAE), que constitui um compromisso internacional com o envelhecimento mundial. No Brasil podemos destacar como ilustrações, a promulgação do Estatuto do Idoso em 2003, assim como iniciativas mais antigas, como o trabalho social com idosos do SESC-SP que remonta à década de 1960. Contudo, os levantamentos iniciais promovidos pelo Centro de Altos Estudos da ESPM (CAEPM, 2013) indicam que as questões da saúde dominam a pauta da maioria das preocupações ligadas ao envelhecimento no Brasil, assim como não há indícios, com base nos mesmos levantamentos, de que esta situação seja muito diferente no resto do mundo. Boa parte das abordagens deixa em segundo plano a forma como os dias a mais de vida poderão ser preenchidos de forma socialmente sustentável e prazerosa para os integrantes da terceira idade. É justamente nesse aspecto, no entendimento das diferentes velhices possíveis, que este trabalho busca contribuir, cientes de que tratamos de uma tarefa de longo prazo e a ser executada pelo conjunto da sociedade. Tarefa que atraiu duas instituições com trajetórias distintas, mas convergentes quanto à percepção da urgência de compreendermos o envelhecimento, suas representações e formas de ser, assim como seus direitos, numa sociedade brasileira em franca mudança demográfica: o SESC-SP e a ESPM.

A seguir descreveremos brevemente a relação dessas instituições com a temática, até chegarmos ao relato do trabalho de campo desenvolvido no Cinesesc, com entrevistas breves, que apelidamos de conversas, em torno das sessões de cinema e os primeiros achados que guiarão os possíveis desdobramentos desta iniciativa. Destacamos também que, neste texto, procuramos enfatizar questões ligadas aos usos do cinema de rua, situado na região central da cidade de São Paulo, como espaço de fruição e sociabilidade, como forma de permitir um diálogo mais rico com os objetivos do DT Interfaces comunicacionais, por meio da articulação interdisciplinar da comunicação com mudanças de estilos de vida e comportamento, em especial no que tange às dinâmicas de produção e consumo cultural em centros metropolitanos. Além disso, o trabalho também pretende

dialogar com aspectos ligados à juvenilização da cultura, em especial ao que podemos chamar de juvenilização do idoso.

O trabalho social com idosas e idosos do SESC

O SESC Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, com a finalidade de promover o bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural de seu público prioritário: o comerciário, o trabalhador do setor de serviços e da comunidade em geral. O trabalho social com idosas(os) do SESC São Paulo data da década de 60, momento em que a questão do envelhecimento ainda não estava em pauta e as ações sociais eram principalmente de cunho assistencialista e vinham em geral do Estado e instituições religiosas. Observando uma realidade onde quem era velho ficava restrito ao ambiente familiar e em que havia poucos lugares para o convívio, o SESC inicia o trabalho por meio de Grupos de Convivência, que buscava oferecer espaço de interação e convívio recorrendo as atividades culturais e esportivas. No final da década de 70, quando os espaços de convivências já estavam estabelecidos, a partir das novas demandas sociais, as ações passam a ter um caráter de educação permanente e a usar o modelo de Escola Aberta da Terceira Idade, com o objetivo de oferecer atualização do conhecimento, para que os idosos pudessem acompanhar as mudanças sociais e tecnológicas. A Escola funcionou até o início dos anos 2000, quando as ações são novamente modificadas na busca de um maior envolvimento das idosas e dos idosos acerca de seu papel social, seus direitos, deveres e cidadania, na reflexão sobre o processo de envelhecimento e na construção de novos projetos de vida. Uma trajetória de 52 anos, que passou por vários momentos, buscando responder às demandas de seu público e em consonância com as transformações sociais. Há ainda, porém, grandes desafios pela frente, pois apesar de todas as conquistas sociais ao longo das últimas décadas, as velhas e os velhos ainda sofrem com os preconceitos e a violência. A identidade do sujeito, a visibilidade de seus corpos e desejos são muitas vezes negada, colocando este como um ser desprovido de desejo e corporeidade. E no que se refere especificamente à sexualidade,

Mesmos conscientes que não há nenhum fator determinante para que a sexualidade se extinga na velhice, não nos encontramos preparados, cultural e emocionalmente, para aceitarmos tais manifestações. Ainda mais pelo fato de compartilharmos de uma sociedade que cultua a juventude, a saúde, a beleza e o futuro; na qual a imagem do idoso, frequentemente é descartada da engrenagem social” (SOSIS, 2002)

A ESPM e a pesquisa sobre velhices

A ESPM tem tratado a questão do envelhecimento a partir de diferentes enfoques, ligados aos interesses de seus cursos de graduação e programas de pós-graduação stricto sensu. Podemos destacar nesse sentido o trabalho do GRUSCCO, grupo de pesquisa sobre subjetividade, comunicação e consumo, cadastrado no CNPq desde 2015 e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da ESPM, São Paulo, coordenado pela professora Gisela Castro, que tem como uma de suas linhas de pesquisa a Comunicação, Consumo e Envelhecimento, que busca compreender o processo de envelhecimento em seus múltiplos e diversificados atravessamentos socioculturais tais como gênero, nível de renda, etnia, padrões culturais e de consumo, dentre vários outros.

Num outro viés, ligado aos arranjos familiares, temos as pesquisas conduzidas desde 2011, pelas professoras Iara Silva e Liliane Rohde, que tem abordado a relação entre velhices, estilos de vida e consumos entre os casais “ninho vazio”, cujos filhos já deixaram a casa da família e também entre os DINCs (duplo ingresso/renda, nenhuma criança), que adentram na velhice após ter tomado a opção de levar uma vida de casal sem filhos. Em diálogo com essas iniciativas, o Centro de Altos Estudos da ESPM movimenta-se, desde 2013, no sentido de lançar as bases para um estudo longitudinal acerca de estilos de vida e velhices. Esforço que resultou no já mencionado levantamento preliminar de conteúdo disponível na internet (CAEPM, 2013), incluindo artigos, livros, pesquisas, cursos, escolas e universidades, organizações, associações, sites e plataformas voltadas para a temática do envelhecimento; e tem continuidade nesta iniciativa de pesquisa conjunta com o SESC-SP, cuja primeira etapa de trabalho de campo é enfocada neste artigo.

Diálogos iniciais com a literatura

Henning e Debert (2015) apresentam um panorama do tratamento da sexualidade na velhice que oscilou historicamente entre dois extremos: de um primeiro momento marcado pela percepção de uma velhice assexual até a transição para uma inserção normativa da atividade sexual como parte de uma velhice “bem-sucedida”. Nos dois casos temos um discurso prescritivo que em geral desconsidera a vontade dos sujeitos, que pode se manifestar de formas diversas, como as mulheres que percebem a velhice como uma libertação das “obrigações sexuais” e consideram a ausência de sexo benéfica; ou como os homens que resistem a explorar novas zonas erógenas, por se tratar de uma proposta contrária a concepção de relação sexual construída ao longo de toda sua vida. Soma-se a isso o fato, também observado pelos autores de que toda essa movimentação em torno de

uma erotização da velhice ainda carrega um claro viés heteronormativo, deixando de lado muito da diversidade sexual presente no envelhecimento.

Hareven (1999), por sua vez, propõe uma percepção da velhice como entrelaçada a outros momentos no curso da vida. Observa que, historicamente, as etapas da vida uma vez percebidas como importantes do ponto de vista social e/ou político e/ou econômico tendem a ser alvo da ciência e de políticas públicas, que também interferem na forma como são vividas e que as condições sociais e culturais do último meio século contribuíram, na sociedade estadunidense, para delimitar a meia idade da velhice e para dividir a própria velhice em estágios, como “jovens velhos” e “velhos velhos”. Para essa autora o isolamento dos mais velhos tem suas raízes históricas menos nas mudanças de estrutura familiar e arranjos residenciais e mais na “transformação e redefinição das funções e valores da família”, ligadas à erosão da visão instrumental das relações na família e recurso a sentimentalidade e intimidade como forças de coesão, que enfraqueceu a interdependência entre seus componentes. Mudança que ocorreu primeiro na classe média, cerca da metade do século 19, mas espalhou-se para outros segmentos sociais, erguendo fronteiras mais estritas entre família e comunidade e segregação de grupos etários dentro da família e levando à exclusão dos mais velhos de papéis familiares viáveis. Hareven observa, portanto, que o surgimento de uma imagem negativa da velhice tem conexão com o “culto da juventude”, mas um fator não pode ser considerado causa do outro. São dois aspectos de um processo complexo e ambos resultantes da crescente segregação dos estágios da vida e grupos de idade na moderna sociedade norte-americana. E levanta uma questão instigante ao lembrar que os problemas dos idosos na sociedade são certamente singulares, mas refletem de alguma forma, por vezes mais aguda, problemas de outros grupos de idade e outros estágios da vida, ensejando um olhar menos compartimentado.

Uma visão que consideramos complementar ao conceito de juvenilização da cultura⁵ elaborado nos anos 1960 pelo antropólogo Edgar Morin, refere-se à emergência e consolidação de um projeto e de um processo que impacta não somente aqueles que costumamos chamar de jovens e que são relacionados a uma determinada faixa etária (cada

⁵ A juvenilização corresponde “ao prolongamento do período biológico da infância e da adolescência, e mesmo a uma falta de acabamento ontogenético, isto é, a falta de acabamento na substituição das características juvenis pelas adultas”. (MORIN, 1984, p. 83). A ideia de uma juvenilização da cultura corresponde em Morin à percepção de um modelo hegemônico no qual o “ser jovem” espalha-se para além das barreiras geracionais propriamente ditas, podendo ser simbolizado e consumido por amplos setores sociais. A juvenilização seria, pois, uma lógica social, que, quando encampada pela mídia de massa e pelas narrativas do consumo, sugerem formas exemplares – e juvenis – de viver e agir.

vez mais ampliada), mas impacta também os indivíduos com 60 anos ou mais, que são cada vez mais convocados a terem um espírito juvenil e uma aparência jovem.

Como e estudo foi realizado: metodologia, justificativas e referências

A oportunidade

Em diálogo com o trabalho de Castro (2016) que aborda preconceito do idadismo e a construção sociocultural da velhice no contemporâneo a partir de obras cinematográficas, este trabalho parte da compreensão dos meios de comunicação como participantes da construção de subjetividades ao expressar um conjunto de valores, saberes e práticas sociais que funcionam como modelos de identidades culturais. Aqui, contudo, o foco não serão os filmes em si, mas a gama de impressões e sentimentos despertados por obras cuja temática conversa com as noções de envelhecimento, afetos e desejos por meio de uma pesquisa de caráter qualitativo durante a mostra “Eu quero, Tu queres.. Afetos, velhices e desejos” realizado entre os dias 12 e 18 de maio de 2016 no Cinesesc, evento que contou com 11 longas-metragens e um curta-metragem, exibidos em 28 sessões, que ocorriam em quatro horários: 15h, 17h30, 19h30 e 21h30. A escolha da mostra se deve, sobretudo, à temática que guiou a curadoria das obras expostas. Ao enfatizar os modos de vida na terceira idade, em especial no que tange à sexualidade, as narrativas dos filmes exibidos convidavam os expectadores à reflexão acerca do lugar do velho na sociedade, em seus limites e possibilidades imaginados.

O local na cidade

Vale também destacar nessa escolha o papel que o CineSesc ocupa tanto na vida cultural da cidade quanto no pensamento institucional do Sesc São Paulo sobre a linguagem cinematográfica. Gerace (2015) ao traçar um histórico da gestão de cinema na instituição, situa no final de 1948, com a criação da sala de cinema do Sesc Bertioga, o início da ação permanente em cinema da instituição e insere como marco importante dessa ação, a inauguração CineSesc, em 21 de setembro de 1979, com 330 lugares na ocasião, ocupando o antigo Cinema Um, espaço voltado para uma programação alternativa, sendo um dos chamados “cinemas de arte” da cidade. Para o SESC o cinema passa então a ter o status de entretenimento inteligente, como transparece no cartaz de inauguração, publicado como anúncio na Folha de São Paulo na data da inauguração: “O CineSesc será mais que uma sala de exibição (...) Lá você vai ver filmes de arte, filmes que divertem, filmes polêmicos. Que emocionam, que fazem pensar”.

Além disso, tendo em vista o objetivo deste texto de explicitar questões ligadas aos usos do cinema de rua como espaço de fruição e convivência, a escolha do Cinesesc se justifica por pelo menos três aspectos.

O primeiro deles é o fato do Cinesesc situar-se na Augusta, que segundo Canevacci (2004, p.216-223) é a rua que melhor exemplifica a cidade de São Paulo e, juntamente com a Avenida Paulista, forma um eixo cartesiano que “exprime a possibilidade de concentração, representação e resumo de vozes polifônicas de toda a cidade”. Assumindo que São Paulo como uma cidade onde convivem múltiplas formas de comunicação entrelaçadas e por muitas vezes dissonantes, a Augusta é sua expressão “mais pura e mais suja a um só tempo”, um paradoxal plano-sequência alternado, onde tudo é conjunto, justaposição e mistura. Partindo do centro velho e da chamada “baixa Augusta” caracterizado pela frequência e resistência LGBT, num ambiente ao mesmo tempo decadente e revitalizado, justaposto a hotéis e faculdades, a rua se aproximando do espigão da Paulista com cinemas e bares, ainda marcados da diversidade e depois de cruzar a avenida, desce no sentido do Jardins, com um comércio ainda marcado pela diversidade, que vai ficando mais sofisticado ao aproximar-se da Oscar Freire, rua de comércio de luxo, e depois do seletivo Clube Paulistano. O Cinesesc habita esse hibridismo no quarteirão entre as alamedas Jaú e Itú, terceiro a partir da Paulista no sentido da sofisticação dos Jardins. Quarteirão que, a nosso ver, exemplifica parcialmente o hibridismo percebido por Canevacci. A partir da Jaú, descendo a pé no sentido dos Jardins, temos uma lanchonete, uma igreja evangélica, o muro de uma quadra poliesportiva que integra um condomínio de luxo, uma loja de doces, um imóvel desocupado, o Cinesesc, uma churrascaria de alto padrão, dois minimercados e uma loja de moda jovem. Nas calçadas permanece o hibridismo como pessoas de gêneros, gerações e níveis de renda variados frequentam a rua de comércio e serviços variadíssimos.

O segundo aspecto, ligado ao primeiro, é que nesse contexto de justaposição e mistura, onde, como lembra Canevacci, citando Roger Bastide (1958, p.196 *apud* 2004, p.217) é difícil andar a pé, não se pode “flanar” (no sentido da *flânerie* de Baudelaire) e tudo ocorre em movimento acelerado, o Cinesesc ocupa o lugar de espaço de parada, separado por uma entrada plana com apoio, alinhada com a bilheteria e degraus que permitem acesso à lojinha do SESC, com CDs e livros a preços subsidiados e artigos variados (de bolsas e camisetas até borrachas e bloquinhos) com a marca SESC, com preços acessíveis para classe média. Depois dessa espécie de “hall”, com a lojinha, bilheteria e

mural com programação e matérias jornalísticas dos filmes em cartaz. É nessa entrada que alguns dos muitos passantes se informam sobre o filme que está em cartaz e por vezes decidem ali mesmo parar para assistí-lo. Depois da entrada uma porta de vidro, sempre aberta, permite adentrar no ambiente da cafeteria com mesinhas com banquetas e sofás encostados nas paredes. Um ambiente, segundo Pellegrini (2016), responsável, juntamente com a programação variada (com mostras e estreias exclusivas), por colocar o CineSesc no topo de ranking da Folha de S. Paulo, como melhor cineclube da cidade, pois como destaca a matéria não são poucas as pessoas que entram ali apenas para tomar um café ou ler os jornais do dia. Além das poltronas espaçosas, sala de exibição ampla, com pequena inclinação, diferente do padrão atual de cinemas, e um bar-lanchonete no seu interior que funciona durante a sessão.

O terceiro aspecto relaciona-se, por sua vez, à temática da mostra no que tange a seu apelo voltado para a diversidade sexual de gêneros e gerações, e reside no fato de que o CineSesc na rua Augusta integra um dos dois “centros” da cultura gay de São Paulo. Pesquisa de doutorado de Silva (2012), que teve como objeto de estudo o Festival Mix Brasil da Diversidade Sexual, recupera o trabalho de Néstor Perlongher (1987 *apud* Silva, 2012), que numa etnografia na São Paulo dos anos 80 propôs a noção de uma territorialidade gay itinerante e observa a polarização em dois “centros”, o circuito Arouche-República e o circuito Paulista-Frei Caneca-Augusta, embora outras polaridades certamente possam ser localizadas em regiões periféricas que geralmente escapam dos estudos com foco no centro da cidade. Silva (2012, p.85-86) também observa uma relação de oposição simbólica que se constrói entre a região “antiga” Arouche-República e a região da Paulista/Augusta, seja no fato de serem dois “centros” da cidade – o “velho” e seus territórios históricos, o “econômico” e seus territórios empresariais e do comércio de luxo –, seja no fato de serem territórios marcados pelo que chama de “cultura gay” na cidade de São Paulo. Nesse sentido vale destacar que a Frei Caneca e avenida Paulista, incluindo a rua Augusta, são marcadas por uma frequência gay aparentemente menos diversa, um território de “bichas menos loucas”, segundo um dos informantes do estudo. O que também se verifica se pensarmos no *continuum* da própria rua Augusta, cuja diversidade vai ficando mais comportada no trajeto centro – jardins. Silva destaca ainda uma “mancha” que França (2006, p.45 *apud* SILVA, 2012, p.93) identifica no eixo Paulista–Jardins que seria a melhor representação de uma “cultura gay globalizada” que passa a ocupar o espaço urbano a partir dos 90, com “imagens positivadas” de gays e lésbicas e festejada pela mídia como “estilos

de vida e padrões de consumo sofisticados e caros”. O foco central dessa mancha se localizaria no quadrilátero formado entre as Alamedas Jaú e Tietê e entre a Rua Augusta e a Avenida Rebouças. Tal cenário teve mais força no final dos anos 1990, mas nos parece uma referência importante para e, em torno de 2005. É importante destacar que tratamos desses balizamentos como forma de entender o contexto em que se situa o Cinesesc e justificar a pertinência de sua escolha, mas estamos cientes de que essas configurações são deslizantes e não contemplam nem territórios nem sujeitos fixos.

As pessoas

Foram abordadas pessoas de todas as idades, mas para este artigo nos restringimos às idosas e idosos. Além disso, eram em boa parte dos casos frequentadores do Sesc-SP acima de 60 anos, cuja realidade ativa não corresponde à figura do idoso como indivíduo isolado, depressivo e sedentário, que marca o imaginário social, como retrata pesquisa quantitativa recente realizada pelo CEBRAP (2015) em 32 unidades do Sesc-SP.

As conversas

A pesquisa se propôs a abordar os indivíduos logo após as sessões de cinema, momento em que a experiência da expectativa ainda estava em estado latente, ou seja, enquanto ainda assimilavam e refletiam sobre os conteúdos assistidos. Dessa forma, objetivava-se colher impressões primeiras e, por meio de questionamentos amplos, associá-las à temática ora pesquisada.

Dentre as complexidades associadas à atividade de pesquisa com o espectador cinematográfico ainda no local de exibição, destaca-se a seleção do entrevistado e as circunstâncias em que frequenta o cinema. Seria necessário encontrar pessoas que estivessem dispostas e que pudessem contribuir com a questão colocada, no que pesam diferentes fatores como o interesse e a capacidade de participar, bem como o tempo que se tem para isso. O próprio ritmo da vida urbana, as necessidades de deslocamento dos indivíduos muitas vezes por longos espaços e os compromissos adquiridos previamente constituem-se imperativos para a prática de coleta de dados. A partir da ciência de tais possíveis obstáculos, optou-se por uma estratégia que envolvia duas aproximações junto ao público: uma antes e outra após a sessão de cinema.

Antes do filme, os indivíduos eram convidados a responder um breve questionário, aplicado por entrevistadores experientes e treinados para a tarefa. Tal instrumento de coleta era composto basicamente por seis questões de caracterização (nome, telefone, e-mail, gênero – de livre resposta –, idade e grau de escolaridade), além de uma pergunta aberta,

que questionava sobre os motivos que o levaram a ir ao cinema. Ao final, perguntava-se se o indivíduo aceitaria participar de uma entrevista breve ao final do filme.

Nesse primeiro contato buscava-se, sobretudo, selecionar pessoas que pudessem contribuir qualitativamente para o estudo. Os critérios utilizados estavam associados, sobretudo, a identificar indivíduos que tinham o tempo disponível para uma conversa mais extensa após a sessão. Eram também empregados, todavia, parâmetros de ordem julgacional, como a eloquência demonstrada, evitando assim indivíduos lacônicos, que possivelmente teriam dificuldades em desenvolver o assunto tratado; e a idade, dando-se preferência aos mais velhos em função da sua capacidade de relatar experiências próprias ou de pares em idade semelhante.

Após o filme, os selecionados eram abordados para uma entrevista guiada por um roteiro semiestruturado, composto por sete questões de estímulo: nota que dava para o filme e o porquê, como forma de iniciar a conversa; se aprendeu algo com o filme para a vida e se achava que o filme teria relação com a vida real, buscando levar o entrevistado a tecer ligações entre a narrativa e as práticas observadas em seu cotidiano; se os personagens chamaram a atenção, em cujas respostas poderiam ser revelados traços peculiares que impactavam os expectadores e o porquê; se o filme havia afetado a percepção, de forma a entender mais objetivamente aspectos imediatos que poderiam ter levado o entrevistador a um outro olhar sobre o mundo; e duas questões de caráter projetivo, o que as pessoas passam a fazer e o que param de fazer quando ficam velhas, em que se buscava compreender as representações construídas coletivamente acerca dos limites e possibilidades da vida idosa. Os entrevistadores não se prendiam, porém, ao roteiro, possuindo liberdade para explorar pontos específicos das falas, tendo sempre em vista o tema tratado na pesquisa.

O entrevistado era incentivado a falar livremente sobre os assuntos e as entrevistas eram gravadas para posterior transcrição e análise. Boa parte do sucesso na abordagem se deveu às confortáveis instalações do CineSesc, cuja sala de exibição é antecedida por um café que possui poltronas e outros espaços de acomodação, como já citado. Observou-se que, dessa forma, os entrevistados sentiam-se à vontade para expressar suas opiniões conforme questionados. Cada entrevista teve duração média de 6 minutos e 17 segundos.

As unidades em torno das quais as entrevistas foram tomadas foram os títulos exibidos na mostra. Dessa forma, esperava-se ser possível obter aleatoriedade do público e uma maior diversidade de opiniões em função das diferentes narrativas pelas quais eram

impactados os entrevistados em seu processo de expectativa. Levando-se em conta questões de horário em que os filmes foram exibidos, dentre outras questões contingenciais, tais como por exemplo uma chuva que acabou por prejudicar a frequência noturna no dia 16 à noite, o quadro 1 traz a quantidade de entrevistas pré e pós sessão consideradas válidas⁶:

Quadro 1 – Entrevistas pré e pós sessão tomadas durante a mostra

FILME	ENREVISTAS PRÉ	ENTREVISTAS PÓS
Dólares de areia	27	5
Em três atos	25	11
Gerontophilia	30	8
Irina Palm	31	14
Juventude	41	11
O amor é estranho	33	10
Os belos dias	28	10
Os invisíveis	32	8
Saraband	30	7
Sempre bela	18	7
Violência e paixão	30	8
TOTAL	325	99

Como mostra o quadro, aproximadamente um entrevistado pós era selecionado a cada 3,3 pessoas que eram abordadas antes da sessão. Embora a abordagem qualitativa não esteja relacionada à quantidade de entrevistas, observamos que, de acordo com Cherques (2009), a saturação em pesquisas qualitativas, ou seja, quando as observações deixam de ser necessárias porque nenhum novo elemento é acrescentado à compreensão do objeto investigado, tende a ocorrer em torno de 12 entrevistas. Se tomarmos como base esse estudo empírico, podemos afirmar que o intento foi atingido com as 99 entrevistas realizadas. Tal número, contudo, não pode ser considerado excessivo, já que as impressões realmente se encerraram dentro do número de entrevistas proposto pelo autor, porém diferentes experiências e representações acerca dos idosos surgiram no decorrer das abordagens, o que enriqueceu este trabalho.

Após a coleta, os pesquisadores tinham à disposição um farto material, que guardava uma diversidade de opiniões acerca da velhice no espaço urbano. No tratamento de tais dados, buscou-se um método que pudesse aglutinar e explorar os diversos discursos por um viés de compreensão e não de quantificação. Em função disso, optou-se pela análise textual

⁶ Ao todo, foram realizadas 112 entrevistas pós-sessão, sendo que 13 foram eliminadas em função da insuficiência das respostas (como no caso em que os entrevistados falavam de outros assuntos que fugiam aos assuntos estudados) ou, em três casos, em função do alto ruído ou problemas técnicos no equipamento de gravação.

discursiva, metodologia empregada especialmente em grandes volumes textuais e que tem como fim a emergência de compreensões por meio de auto-organização. (MORAES, 2003)

A grosso modo, o processo de análise envolve procedimentos característicos da análise de conteúdo, porém busca afastar-se dessa em favor de uma compreensão mais próxima da proporcionada por algumas modalidades da análise do discurso. O caminho metodológico pode se descrito em três etapas, a saber: em um primeiro momento, os textos são separados em unidades de significado, em que “exercita-se a apropriação das palavras de outras vozes para compreender melhor o texto” (MORAES e GALIAZZI, 2006); em seguida, tais unidades são categorizados, ou seja, reunidas em conjuntos tomados a priori ou a posteriori; no último movimento, que Moraes (2003) chama de “captação do novo emergente”, surge um novo texto, cuja expressão contém os conjuntos das significações atribuídas às unidades, o que gera um todo polissêmico.

No caso da presente pesquisa, as categorias foram tomadas a priori, ou seja, buscou-se nas falas dos entrevistados unidades de significação, na forma de resposta, que dessem conta as atividades que os entrevistados consideram que as (os) idosas (os) passam a realizar ou deixam de fazer ao envelhecer, correspondendo, metodologicamente, ao segundo momento da análise.

Primeiros achados nas falas dos entrevistados

A seguir, destacamos alguns trechos das falas identificados por nomes (modificados para preservar os entrevistados e entrevistadas) e idade, que dialogam com o levantamento da literatura realizado e permitem vislumbrar algumas questões a serem trabalhadas nas próximas etapas do estudo.

Um achado que a nosso ver merece ser observada com mais cuidado é a noção de *transparência*, uma percepção que aparece na fala de alguns idosos(as) é a de que, especialmente no que tange à sexualidade e ao olhar desejanste, eles sentem-se transparentes no espaço urbano, ou seja, são olhados mas não vistos pelas outras pessoas, especialmente as mais novas.

[a sexualidade] É muito bonita na juventude mas depois, quando você começa a perder o sex appeal, quando você fica transparente, na minha idade a gente é transparente, então outro não te olha, não te da um feedback positivo (...) ROSA, 67
(...) os velhos são excluídos da sociedade praticamente, passam meio que invisíveis
(...) eu acho que as pessoas querem que eles ou eles morram, ou eles desapareçam, que tá atrapalhando (...) é o que eu percebo na realidade. RUBEM, 56

Mas a noção de transparência também carrega um outro significado, as pessoas mais velhas tendem a se tornar mais explícitas em suas intenções e desejos, ou seja, são mais transparentes. Esse duplo significado pode ser uma chave para contribuir com a compreensão do envelhecimento.

(...) a gente vai chegando numa certa idade e a gente não deve mais satisfação para ninguém, a gente pode fazer as coisas assim que nem diz aquela atriz inglesa, a Judi Dench, ela disse que "o melhor da velhice é que a gente pode se comportar mal". SILMARA, 55.

O idoso secundariza mais as aparências, vai mais na essência da coisa. CECÍLIA, 70

No que diz respeito às possibilidades de encontro, os entrevistados apontam marcas da juvenilização no espaço urbano, que se traduz em redução de pontos de encontro e interação.

São Paulo é uma cidade de jovens (...) têm ambientes que são absolutamente jovens. (...) você entra num restaurante, restaurantes e bares aqui, e você não vê uma pessoa de idade. JOÃO, 65 (ao comparar São Paulo com Nova Iorque)

São Paulo é uma cidade complicada para pessoas mais idosas. Por exemplo, quais são os lugares para as pessoas mais velhas namorarem? Um lugar pra que isso aconteça com naturalidade, um lugar para interagir. Quais são as baladas da terceira idade? Tem uma glamourização muito grande da juventude. (...) e eu acho que isso já mudou, mas ainda precisa "desglamourizar" essa juventude dourada e abrir mais espaços, mais atividade, mais espaços de encontro, espaços de interação. JOSÉ, 62.

[as pessoas mais velhas] vão ficando mais limitadas, mais receosas, em uma cidade como São Paulo, sair, voltar para casa.... Então, partir em busca de novas conquistas amorosas fica um pouquinho mais complicado. RONALDO, 61

(...) eu me identifico sim com personagem, principalmente com a incomunicabilidade da velhice, é difícil. (...) têm grupos, tem papo furado, mas (...) na velhice é tudo meio forçado. ALVARO, 62

Embora reconheçam em consonância com a literatura, que o convívio social é muito importante, como destaca Alves (2007, p.130) a partir de dados pesquisa Idosos no Brasil

(2006), ao observar que entre os idosos a sociabilidade entre amigos é bastante frequente, ou ao menos almejada, constituindo uma esfera de amizade ativa como indicador das práticas sociais no meio urbano. Sendo que os lugares de encontro com amigos mais citados na pesquisa são a casa (50%), na rua, perto de casa (41%) e em igrejas e templos (37%).

Eu acho que a convivência social é muito importante para o velho, entende, se ele não consegue manter isso é difícil pra ele caminhar na velhice. MARIANA, 70.

Eu sinto que as pessoas param de sair de casa. (...) não é por falta de convite (...) eu sinto que elas vão colocando alguns obstáculos que não existem. MARIA, 71

Considerações finais

Exploramos aqui apenas alguns aspectos dentre as várias possibilidades de tratamento do material levantado, assim como abordamos de forma ainda tímida a amplitude de questões levantadas pela temática das velhices e sexualidades na cidade. Optamos por enfatizar a caracterização do local onde as entrevistas foram realizadas e os comentários que nos pareceram dialogar com a presença (ou transparência) das velhices na sociedade, em especial no espaço urbano, assim como com a dificuldade de conviver na cidade, aliada à necessidade de fazê-lo para viabilizar um envelhecimento mais prazeroso. Ficaram de fora, por exemplo, as relações entre os comentários e os filmes assistidos pelo público e a percepção dos jovens em relação ao envelhecimento, entre outros aspectos, que podem ser abordados e desdobrados em outros momentos do estudo, cujo desenvolvimento depende, e muito, do diálogo que gostaríamos de estabelecer com outras iniciativas de pesquisa.

Referências

ALVES, Andréa Moraes. Os idosos, as redes de relações sociais e as relações familiares. In: **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade/** organizadora Anita Liberalesso Neri – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC-SP, 2007.

CANEVACCI, M. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana.** Trad. Cecília Prada. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CASTRO, G. S. O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 31, p. 79-91, abr. 2016.

CEBRAP - PESQUISA SESC-SP TSI, Relatório Geral, CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, julho de 2015.

CHERQUES, H. R. T. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. **PMKT: Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia**, v. 3, 2009. pp. 20-27.

HAREVEN, Tamara K. Novas imagens do envelhecimento e a construção social do curso da vida/ Dossiê curso da vida adulta e gerações In: **cadernos pagu** (13) 1999: pp.11-35.

HENNING, C.A.; DEBERT, G. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. **Mais 60**: estudos sobre envelhecimento/ Edição do Serviço Social do Comércio. São Paulo: Sesc São Paulo, v.25, n. 63, dez. 2015

MATOS, C. L.A. **A juvenilização do idoso na cultura de consumo**: construção de identidades e culto ao corpo. 18º REDOR, Universidade Federal Rural de Pernambuco, novembro de 2014. Disponível em <<http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/1933/657>>. Acesso em 4/jul/2016.

MIKLOS, J.; ESCUDERO, A.P. Sob o arquétipo do puer: juvenilização, comunicação e consumo na cultura contemporânea. **Vozes & Diálogo**. Itajaí, v.14, n. 1, jan. /jun.. 2015.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência Educação**, Bauru, SP, v. 9, n.2, 2003. pp. 191-210.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva: Processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência e Educação** (UNESP), Bauru, SP, v. 12, n.1, 2006. pp. 01-12.

MORIN, E. **Cultura de Massas no Séc. XX**. O Espírito do Tempo – 1. Neurose. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.

Centro de Altos Estudos da ESPM (CAEPM). **LONGEVIDADE**: Levantamento preliminar de conteúdo com acesso público. São Paulo, agosto de 2013. Disponível em <<http://www2.espm.br/pesquisa/caepm/publicacoes/relatorios>>. Acesso em 10/jul/2016.

PELLEGRINI, A. Cinesesc lidera o ranking de melhores cineclubes, segundo avaliação do 'Guia'. **Folha de S. Paulo**, Guia Folha, 26/02/2016. Disponível em: <<http://guia.folha.uol.com.br/cinema/2016/02/1743300-cinesesc-lidera-o-ranking-de-melhores-cineclubes-segundo-avaliacao-do-guia.shtml>>. Acesso em 4/julho/2016.

SILVA, Marcos Aurélio da. **Territórios do desejo**: performance, territorialidade e cinema no Festival Mix Brasil da Diversidade Sexual. Tese (doutorado) defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. 2012. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/96283>>. Acesso em 11/jul/2016.

SOSIS, V. O; MEDEIROS, M. P. Sexualidade e Velhice in **Disciplinariun Scientia**, Série Ciênc, Biol. e da Saúde, Santa Maria, v3, n1, p 168 -180, 2002. Disponível em <<http://www.periodicos.unifra.br/index.php/disciplinarumS/article/view/864/808>>. Acesso em 3/jul/2016